

Sapö

Amarelo

Mario Quintana



Ilustrações Orlando



MGE

AZRAFEL

O pobre homem, na hora fatal,
queixava-se amargamente para
os mirões que costumam cercar
o leito dos moribundos:

- Eu vou morrer e nunca vi um
disco voador! Todo mundo já viu!
Todo mundo já viu um fantasma.
Eu nunca! E vai daí o Anjo dos
Últimos Desejos, que, como todos
sabem, atende pelo nome de Azrafel,
compadeceu-se muito e imediatamente
satisfez as curiosidades do pobre homem,
transformando-o num fantasma dentro
de um disco voador.



A GALINHA PRETA

Estava-se no fim do jantar de família.

Prato de resistência: galinha ensopada.

Dona Glorinha, que até então nada dizia,
interrompeu a balbúrdia geral.

- Estava muito bom, obrigada;
gostei muito mesmo, embora prefira galinha frita.

Uma das sobrinhas explicou:

- Frita não dava, a galinha era muito velha.
- Muito velha... – ecoou Dona Glorinha. – Não
me digam que foi aquela galinha preta!
- Foi, sim – confessou a sobrinha.

Dona Glorinha ergueu-se e correu para
o banheiro, com as mãos no estômago.

Ao voltar, não se conteve, desabafou:

- Mas vocês! Como é que vocês não
compreendem que era impossível, que
eu não podia comer uma galinha que
conheço pessoalmente!



O MENINO E O MILAGRE

O primeiro verso que um poeta faz é sempre o mais belo porque toda a poesia do mundo está em ser aquele o seu primeiro verso...

FATOS CONSUMADOS

... e se eles te apertarem muito sobre o que quiseste dizer com um poema, pergunta-lhes apenas o que Deus quis dizer com este nosso mundo...

UMA VACA

Sim, uma vaca – uma abençoada vaca – muge...
O seu mugido é um rio de veludo morno.

PAISAGEM DE APÓS-CHUVA

A relva, os cavalos, as reses, as folhas, tudo envernizadinho como no dia inolvidável da inauguração do Paraíso...

ESTIVAL

Fazia tanto calor que as sombras se ocultavam debaixo da barriga dos cavalos e da copa das árvores.

ANTEMANHÃ

Trotam, trotam, desbarrancando o meu sono,
os burrinhos inumeráveis da madrugada.
Carregam laranjas? Carregam repolhos?
Carregam abóboras?



UNI-VERSO

“Treme a folha no galho mais alto” – escrevo. Paro e sorvo, de olhos fechados, o cheiro bom da terra, do capim chovido...

Parece que quer vir um poema... Abro os olhos e fico olhando, interrogativamente, a linha que escrevi no alto da página. Depois de longo instante, acrescento-lhe três pontinhos. Assim não ficará tão só enquanto aguarda as companheiras. O vento fareja-me a face como um cachorro.

Eu farejo o poema. Ah, todo o mundo sabe que a poesia está em toda parte, mas agora cabe toda ela na folha que treme.

Por que não caberia então em um único verso? Um uni-verso.

Treme a folha no galho mais alto.
(O resto é paisagem...)

DA MODÉSTIA

A modéstia é a vaidade escondida atrás da porta.

DA RECORDAÇÃO

A recordação é uma cadeira de balanço embalando sozinha.

DA DIFÍCIL FACILIDADE

É preciso escrever um poema várias vezes para que dê a impressão de que foi escrito pela primeira vez.

DAS UTOPIAS

Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A mágica presença das estrelas!



CUJAS CANÇÕES

É costume cada um colocar sua profissão ou títulos nos cartões de visita. No tempo das guerras cisplatinas até ficou famoso alguém que assim se apresentava: “José Maria da Conceição – tenente dos Colorados”.

Ora, quem escreve estas linhas já recebeu alguns títulos de generosidade de seus conterrâneos. Se pusesse todos eles, seria pedante; escolher um só seria indelicadeza para com os outros proponentes.

Quanto a mim, sempre fui de opinião que bastava o nome da pessoa, sem a vaidade de títulos secundários. Mas eis que a minha camareira fez-me cair em tentação. Dá-se o caso que saiu a edição de meu livro *Canções*, ilustrado por Noêmia e que, ao ser noticiado por Nilo Tapecoara no “Bric-a-brac da vida”, este o publicou com o meu retrato em duas colunas e, abaixo dele, uma notícia que assim principiava, com a primeira linha impressa em letras maiúsculas: MARIO QUINTANA, CUJAS CANÇÕES, etc., etc...

Ora, na manhã daquele dia, ao servir-me o café na cama, sia Benedita não podia ocultar o orgulho que lhe causava o seu hóspede e repetia: Cujas canções, hein, cujas canções!

O seu maior respeito era devido, sem dúvida, à misteriosa palavra “cujas”.